

WASHINGTON NOVAES

## Com o coração apertado

No momento em que são redigidas estas mal traçadas linhas, dizem as notícias que o fogo já devorou quase metade da vegetação da Ilha do Bananal, ameaçando aldeias dos índios carajás. O satélite Noaa acusa um número inédito e inacreditável de focos de fogo no Centro-Oeste e na Amazônia. Os incêndios em Mato Grosso encostam no Parque Indígena do Xingu e o Ibama anuncia que vai pedir ajuda ao chefe txucarramãe Raoni. Incêndios devastaram 70% da nova reserva dos avá-canoeiros, um grupo já ameaçado de extinção. O Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) lamenta que as burocracias retardem a liberação de recursos para o programa Proarco, concebido para prevenir e evitar incêndios no grande arco que vai do Pará a Rondônia e que, já se sabia desde o ano passado, este ano corria risco alto, porque o desmatamento seletivo criou todas as condições para a expansão do fogo.



**Não só os índios e a floresta estão em risco, mas também a cultura indígena**

“Cabeça di branqu muito cumpricaaaaadu!”, diagnosticava há quase 15 anos Raoni, sentado sobre um toco no acampamento de sua gente, no Baixo Xingu. Depois de relatar em minúcias, para um documentário de TV, o longo, complexo e assustador caminho que trilhou durante anos para tornar-se pajé, Raoni foi categórico: “Eu nun queru nada du branqu. Nun queru motô di barcu, nun quero panela, num quero ispingarda, num queru machado. Queru vivê comu meu pai e meu avô.”

Não conseguiria, não tem como. Além de sua posição ser minoritária mesmo entre seu povo – porque os jovens querem as tecnologias da cultura branca –, Raoni não tem sequer o direito de escolher se vai ou não conviver com a outra cultura. O homem branco chega – como madeireiro, garimpeiro, seringueiro, fazendeiro, militar, missionário, jornalista, antropólogo. De alguma forma, chega.

Os “desbravadores” que chegaram à região do Parque do Xingu foram desmatando tudo, sob o olhar mais do que complacente dos governos regionais e federais. Agora, no seu rastro, vem o fogo. Da mesma forma que chegou e chega à

Ilha do Bananal, levado por fazendeiros e posseiros que usaram a convivência oficial para botar ali o seu gado e armar-se até os dentes para negar cumprimento às decisões judiciais que os mandam sair.

Muitas coisas vêm à memória. Aruta, o velho chefe carajá, com seus longos cabelos, fala suave como a de um passarinho, contando que, quando os brancos

chegaram à Ilha do Bananal, disseram que homem não usava cabelo comprido. “Muito índio cortou. Eu, não. Agora, é homem branco que usa cabelo comprido.” Não usa mais, velho chefe que já se foi para a aldeia dos ancestrais. Agora, quase todos os jovens são como o Romário, quase todas as jovens, como a Carla Perez. Sonham, com isso, aparecer na televisão.

Surge o rosto de Samuel Carajá, figura admirável, que conseguiu formar-se advogado em Goiânia e voltou para o meio de seu povo, para ajudá-lo. Samuel está muito aflito, crianças e jovens se suicidam, porque enfrentam o velho dilema sem saída – não têm lugar dentro de sua cultura, que está desaparecendo, nem fora, porque não estão qualificados para viver como brancos, ganhar a vida como brancos. Surgem Daniel Coxini, Idjaruri e seus irmãos, gente que busca uma saída para o povo que tem, talvez,

a mais linda mitologia entre os índios – um povo que aceitou deixar de ser peixe, imortal, e viver no fundo das águas; aceitou virar gente, mortal, para poder viver nas praias brancas do Rio Araguaia. E nas noites de lua cheia canta e dança, com aquelas máscaras e saiotos de palha, geométricos, formando belíssimos recortes no horizonte. O psicanalista Hélio Pellegrino dizia que o mito fundamental dos carajás cristalizava o que pode haver de mais sábio no ser humano: aceitar a condição de mortal para poder começar a viver.

Também da aldeia dos ancestrais ressurgiu Malakuyawá, a mais impressionante figura humana que passou diante dos olhos de um jornalista que, ao longo de décadas, conheceu presidentes, reis, imperadores, sábios, poderosos, até um papa. Um homem que, se bastasse um gesto, não dizia uma palavra, se bastasse um olhar, não desperdiçava gestos. E assim liderava seu povo, os uaurás do Alto Xingu. Era ele que sabia a história de sua gente, suas tradições, suas regras. Sabia mediar conflitos. E era reverenciado porque foi ele quem orientou os uaurás a aceitar a transferência para dentro do parque, para não serem massacrados pelos brancos que chegavam. Seu neto contou que ao chegar à aldeia, dez dias depois da morte do avô, reinava um silêncio tão profundo que “parecia que tinham morrido 20 pessoas”. Que diria hoje o chefe Malakuyawá a seu povo?

Vem à memória o maué Manuel no barco que singrava as águas lentas do Andirá, olhan-

do os brancos tomar caipirinha de vodca e a todos cobrindo de vergonha, ao perguntar: “Como branco faz para ficar gordo?” E depois, no mutirão para ajudar o vizinho a colher a mandioca, de novo perguntava: “Vocês falam que o seu deus ressuscitou, viveu outra vez, e que vocês todos também vão ressuscitar. Eu estou aqui matando a mandioca, tirando ela do chão. Mas ela vai servir para as pessoas comer, a vida dela vai continuar nas pessoas. Será que é a mesma coisa?”

Vem a velha Rosa, que, depois do mutirão, à luz da lamparina, cantava com doçura incomparável as lindas canções de seu povo, sobre a batata, o beija-flor, a amizade.

E vem o chefe maué da aldeia de Molongotuba, Roberto, que, reunindo toda a sua gente para perguntar se os forasteiros podiam filmar ali, ensinava na prática o que é a democracia do consenso, numa sociedade que não delega poder a ninguém, onde o chefe não manda (mas é o mais experiente), a informação é aberta – o que um sabe todos podem saber – e todos os indivíduos são auto-suficientes, sabem fazer tudo de que precisam para viver, não dependem de ninguém, passam toda a vida sem nunca receber uma ordem. São todos iguais. E se entendem, deixando encabulados os que vivem numa sociedade que ainda se arrasta para implantar a democracia da maioria.

Nesta hora de crise global, em que os fundamentos da nossa cultura parecem ruir, sugerindo que teremos de reconstruir nossos modos de viver, não deve ser acaso que o fogo ameace esses povos. Lá, entre eles, estão setas que apontam em direção a utopias. Não são apenas os índios e a floresta que estão em risco. É uma outra possibilidade, como dizia Darcy Ribeiro: “Ninguém passa incólume pela experiência de ver o mundo pelos olhos de um índio. Nunca mais você será a mesma pessoa. Terá visto uma outra possibilidade.”

Resta, com o coração apertado, retornar às palavras de dois índios. Marcos Terena, segundo quem “vocês, brancos, são uma cultura que não deu certo”. E Ailton Krenak, para quem, “no dia em que não houver mais lugar para o índio no mundo, não haverá lugar para ninguém”.

Palavras duras. Ouve quem quer.

